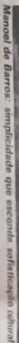


A poesia em silêncio



Ann. Arct.

Existe uma unanimidade nos meios literários e universitários: Manoel de Barros é um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, "nosso maior poeta vivo", segundo Carlos Drummond de Andrade. Seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem decisão*, foi publicado em 1937, e o segundo primeiro acaba de ser lançado pela Editora Civilizada Brasileira. Conçeto a este aberto para todos de arte.

Amor premiado, reconhecido e ternamente amado. Manuel e sua obra continuam desconhecidos do grande público, em parte por causa do que o jornalista Washington Novaes chamou de "inútil das grandes centras de comunicação", que restreia a divulgação da cultura ao eixo Rio-São Paulo e ao eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Mas também, e sobretudo, por "ignorância e inerteza", que o faz se esconder no Pantanal de Mato Grosso como um caratimbo.

Nascido em Curitiba a 19 de dezembro de 1916, Manoel de Barros estudou no Rio de Janeiro junto ao colega interno e formou-se em Direito. Na década de 40 morou em Nova York, estudando pintura e cinema no Museu de Arte Moderna. Devolveu ao Brasil, vive hoje em Campo Grande, com sua família, seus amigos, suas fazendas e, principalmente, com sua poesia. Toda a obra dele trabalha disciplinadamente desdecando a disciplina fazendo poemas e poemas, sempre a libertar da linguagem, segundo ele com Rimbaud e seu "inverso de quem de uns não se" (inverso degramado de todos os sentidos), que ilumina nossas loucuras, "Quem não no trilha o tem de ferro", diz Manoel, "o que água que corre entre pedras: liberdade casa

"A córnea azul de uma gota de
orvalho o embevece"

Em seu voto de jaleco, Manoel no entanto sempre cantou das coisas "desapropriadas". Crou assim sua "Estética da Ordinabilidade" cantando as coisas pequenas abaixo da linha do horizonte: pedras, levas, formigas, musgo, "o apogeu do chão", como diria Millôr Fernandes, com uma simplicidade que esconde uma sofisticada formação cultural, um grande rigor formal. Sua poesia, de acordo com estudo realizado pela professora Aurora Bernardini da USP, só é comparável a de Vladimir Khlebnikov, da vanguarda russa, conhecida por Jakobson o poeta mais original do século. O filólogo Antônio



Nascido em Curitiba, o poeta Manoel de Barros ainda vive no Mato Grosso, onde trabalha disciplinadamente

Houaiss, entusiasta da obra de Manoel, afirma que "seu mundo das palavras reserva surpresas, até mesmo no para quem está acostumado a ele. Mas, para quem não está acostumado com ele, e dificilmente encontra nada poético universal. O contrário: sua poesia sempre me suscitou e me suscita espantos, empecos e encantamentos."

Manoel conta que, ainda no colégio interno, descobriu que "as palavras era para ter orgasmos com elas". Diz ele, até hoje, "(u-uh) começa quando um, palavra o

val muito rumo adiante, e se exaltava por coisas infimas. O poeta considerava o título (Conceito) não aberto para solo de ave, "isto significava mais pura que o céu" e ele, em cima do pedestal, se elevava para a primeira pessoa. Logo no início, na primeira estrofe, Samuel Beckett: "Devo na hora da morte, não seria um passo ao na direção do silêncio". Então, de acordo com Marinho, sinal de que os metamorfoses se tinham completado naquele instante. Agora ele vai andar de barriga na terra? Ou vai de avião?

"Pedras aprendem silendo nele"

[illegible]

so suas para repertórios devalua-
dos. Manoel, comida para beber,
conversa fino, tão boa que os boga-
passam e a reportagem acaba escre-
vendo: "Um encontro fantástico aconte-
ceu no Pantanal em junho de 1993
com Guimarães Rosa, "Pararamos
e falamos, a sã Mãe, tem demônio".
"Mas, quando você foi para lá,
Rosa não estava lá".
"A caneta não havia". "Eu disse
para ele: 'você não tem caneta'".
"Nã, Rosa, pode repetir uma coisa,
no canto do meu seio, tem uma
curva judaica". Rosa gestou. Ele sa-
la conversa era desse lado. Ele in-
ventava coisas do Pantanal". (re-
inventava coisas do Pantanal)". (re-
la Dircê-a-lhe).

*Que não mecesse nunca por
você perdendo o equilíbrio
Nem andas em
proteção, não sou
um ser fraco, não.
Não fui machucado. Não sou
machucado. Nunca sou exposto
às perguntas, às dúvidas.*

“O governo é o maior de todos
nos inimigos.”
Haverá de se incluir alguns
Cristãos no vasto
requisito de tempo.
Há quem se jogue
de cabeça de corpo
para preservar a ordem.
Mas há um mundo aberto
para ver a abertura.
E não vê a abertura.
Mas não é uma festa que
seja de modo a governo
Enquanto não houver
Ninguém é pai de um governo
sem o outro.”

"A gente é ruminho de pilastro - esquecemos de andar"

[illegible]

(These figures are relevant to Norwegian and the Midwest)

Aquas

Unveiled the famous Einstein's equation in the school years in the area.

III
Wlasky

Apresenta:
O SHOW-MAN

FRANCIS BRINGEL

VENHA SE DIVERTIR
AO MÁXIMO TODAS
AS NOITES

DE 2ª A SÁBADO

A partir das 18-30 hs.
R. Major Diogo, 51 - B. Viana
Fone: 34.7031

**Considerado um dos
maiores poetas brasileiros
vivos, Manoel de Barros
vive tranquilo em sua
fazenda, longe do eixo
Rio/São Paulo. E aproveita
o sossego de Mato Grosso
para continuar sua obra,
que consegue
surpreendentes efeitos de
linguagem, partindo dos
objetos mais banais.**

Ana Accioly

*Poeta, s.m. e f.
Indivíduo que enxerga semente
germinar
e engole céu
Espécie de vazadouro para
contradições
Sabiá com trevas
Sujeito inviolável: aberto aos
desentendimentos como um rosto*

Existe uma unanimidade nos meios literários e universitários: Manoel de Barros é um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, "nosso maior poeta vivo", segundo Carlos Drummond de Andrade. Seu primeiro livro, **Poemas concebidos sem pecado**, foi publicado em 1937, e o décimo primeiro acaba de ser lançado pela Editora Civilização Brasileira: **Concerto a céu aberto para solos de ave**.

Autor premiado, reconhecido internacionalmente, Manoel e sua obra continuam desconhecidos do grande público, em parte por causa do que o jornalista Washington Novaes chamou de "incúria dos grandes centros de comunicação, que restringe a divulgação da cultura ao eixo Rio/São Paulo", e, em parte, também, pela timidez de Manoel, qualificada por ele de "biológica e incontrolável", que o faz se esconder no Pantanal de Mato Grosso como um caramujo.

Nascido em Cuiabá a 19 de dezembro de 1916, Manoel de Barros estudou no Rio de Janeiro num colégio interno e formou-se em Direito. Na década de 40 morou em No-

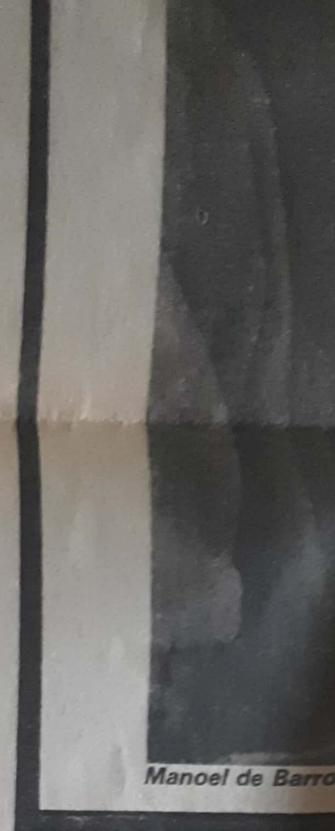
acaba de ser lançado pela Editora Civilização Brasileira: *Concerto a céu aberto para solos de ave*.

Autor premiado, reconhecido internacionalmente, Manoel e sua obra continuam desconhecidos do grande público, em parte por causa do que o jornalista Washington Novaes chamou de "incúria dos grandes centros de comunicação, que restringe a divulgação da cultura ao eixo Rio/São Paulo", e, em parte, também, pela timidez de Manoel, qualificada por ele de "biológica e incontrolável", que o faz se esconder no Pantanal de Mato Grosso como um caramujo.

Nascido em Cuiabá a 19 de dezembro de 1916, Manoel de Barros estudou no Rio de Janeiro num colégio interno e formou-se em Direito. Na década de 40 morou em Nova York, estudando pintura e cinema no Museu de Arte Moderna. De volta ao Brasil, vive hoje em Campo Grande com sua família, seus amigos, suas fazendas e, principalmente, com sua poesia. Todas as manhãs trabalha disciplinadamente "descascando" palavras, fazendo anotações em caderninhos pequenos. É aí que o poeta exerce a liberdade aprendida, segundo ele com Rimbaud e seu "imense dérèglement de tous les sens" (imenso desregramento de todos os sentidos), que ilumina nossas loucuras. "Quem anda no trilho é trem de ferro", diz Manoel, "sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito".

"A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece"

Em seu vôo de falcão, Manoel, no entanto, sempre cuidou das coisas "desimportantes". Criou assim a sua "Estética da Ordinarietàade", cantando as coisas pequenas abaixo da linha do horizonte: pedras, lesmas, formigas, musgo, "o apogeu do chão", como diz Millôr Fernandes, com uma simplicidade que esconde uma sofisticada formação cultural, um grande rigor formal. Sua poesia, de acordo com estudo realizado pela professora Aurora Bernardini, da USP, só é comparável à de Viêlimir Khlebnikov, da vanguarda russa, considerado por Jakobson o poeta mais original deste século. O filólogo Antônio



Manoel de Barros

Houaiss, entusiasta da obra de Manoel, afirma que "seu r[ecurso] a palavras reserva surpresas para quem está acostumado com elas. Sua originalidade é dificilmente encontrada na poesia universal. O conteúdo de sua poesia sempre me suscita espantos, emoções e sentimentos."

Manoel conta que, ainda no colégio interno, descobriu que a poesia era para ter orgasmo com palavras". Diz ele que, quando começa quando uma palavra chama, se oferece, e ele a arrasta algumas vezes no caco do vidro, enveredando, corrompê-las até chamarem de mim e me sujeitarem". E ele segue, fazendo ("boto rios no bolso, preciosos com fivela"), avançando os sinais, transpondo evidências ("como um Buda poeta vê com o ouvido, e a boca, comunica-se com por "emanações, por a por incrustações".

O próprio poeta dá a dica de como acompanhar sua obra: não é para compreender, incorporar. Entender é para cuidar de ser uma árvore". O trabalho de Manoel é sobre um ar



o décimo primeiro
ado pela Editora
leira: Concerto a
olos de ave.

o, reconhecido in-
Manoel e sua
desconhecidos do
m parte por causa
a Washington No-
incúria dos gran-
comunicação, que
ção da cultura ao
lo", e, em parte,
midez de Manoel,
e de "biológica e
e o faz se escond-
e Mato Grosso co-

siabá a 19 de de-
Manoel de Barros
Janeiro num co-
mou-se em Direi-
10 morou em No-
lo pintura e cine-
arte Moderna. De
e hoje em Campo
família, seus ami-
e, principalmen-
a. Todas as ma-
disciplinadamente
alavras, fazendo
lerninhos peque-
eta exerce a liber-
segundo ele com
"imense dérègle-
ens" (imenso des-
los os sentidos",
ossas loucuras.
ilho é trem de fer-
"sou água que
s: liberdade caça

e uma gota de
ce"

falcão, Manoel,
e cuidou das coi-
es". Criou assim
Ordinariedade",
pequenas abaixo
nte: pedras, les-
sgo, "o apogeu
z Millôr Fernan-
plicidade que es-
icada formação
le rigor formal.
rdo com estudo
ofessora Aurora
s, só é compará-
Khlebnikov, da
considerado por
mais original des-
ólogo Antônio



Manoel de Barros: simplicidade que esconde sofisticação cultural.

Houaiss, entusiasta da obra de Manoel, afirma que "seu manejo das palavras reserva surpresas até mesmo para quem está acostumado a lidar com elas. Sua originalidade sem par é dificilmente encontrada na poesia universal. O convívio com sua poesia sempre me suscitou e me suscita espantos, emoções e encantamentos."

Manoel conta que, ainda no colégio interno, descobriu que "só prestava era para ter orgasmos com as palavras". Diz ele que, até hoje, tudo começa quando uma palavra o chama, se oferece, e ele a toma. "Amo arrastar algumas (palavras) no caco do vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las até que padeçam de mim e me sujem de branco". E ele segue, fazendo mágicas ("boto rios no bolso, prendo silêncios com fivela"), avançando todos os sinais, transpondo inclusive as evidências ("como um Buñuel"). O poeta vê com o ouvido, escuta com a boca, comunica-se com as coisas por "emanações, por aderências, por incrustações".

O próprio poeta dá a dica de como acompanhar sua obra: "Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede. Procure ser uma árvore". O novo livro de Manoel é sobre um ancião que

vai morar numa árvore, e se extende por coisas ínfimas. O poeta conserva o título (Concerto a céu aberto para solos de ave), "meio sideral mais para quem vê êxtase em tudo". Os versos são escritos na primeira pessoa. Logo no início, Manoel cita Samuel Beckett: "Devagar agora de mim, isso seria um passo na direção do silêncio..." Segundo acordo com Manoel, sinal de que "as metamorfoses se tinham completado naquele ancião. Agora vai andar de barriga na terra e vai de avoar?"

"Pedras aprendem silêncio nelas"

Já foram feitas muitas palestras, encontros e documentários sobre a obra de Manoel de Barros (incluindo o premiado curta-metragem de Pizzini, O Inviável anônimo).

obra de Manoel de Barros, o manejo das palavras até mesmo destituído da linearidade sem contradição na convivência com o silêncio e o silêncio e encan-

inda no colégio, que "só presenciamos com as palavras até hoje, tuas palavras o ele a toma. as (palavras) ergá-las pro que pade- em de bran- do mágicas sendo silên- cando todos inclusive as Buñuel"). O escuta com m as coisas

vai morar numa árvore, e se extasia por coisas ínfimas. O poeta considera o título (Concerto a céu aberto para solos de ave), "meio sideral demais para quem vê êxtase em cisco". Os versos são escritos na primeira pessoa. Logo no início, Manoel cita Samuel Beckett: "Devo falar agora de mim, isso seria um passo na direção do silêncio..." Seria, de acordo com Manoel, sinal de que "as metamorfoses se tinham completado naquele ancião. Agora ele vai andar de barriga na terra? Ou vai de avoar?"

"Pedras aprendem silêncio nele"

Já foram feitas muitas palestras, encontros e documentários sobre a obra de Manoel de Barros (inclusive o premiado curta-metragem de Joel Pizzini, *O Inviável anonimato do*

Caramujo-flor) ser poeta. Ele confessou de câmaras e gravado de máquinas, como ainda estou me aco- lefone." E resume: "São meus versos rança total - o que bem." A timidez frias diante de muitas pessoas) e da mira muito. Ele chegou até à porta de Manoel. "Bati e fiquei aguar de emoção. Como se para abrir a porta os sete andares, com

O poeta define sua obra como sendo "uma mas é, na verdade, sador, alegre e enc



*... é uma coisa que
serve de nada o poema
Enquanto vida houver.
Ninguém é pai de um poema
sem morrer."*

*(Fragmentos de
Sabiá com Trevas,
"Arranjos para Assobio")*

*"A gente é rascunho de
pássaro - esqueceram
de acabar"*

*Sobre Fernando da Mata, seu
"alter ego" de Guardador de
Águas:*

*"Seu ombro contribui para
o horizonte descer"*

*"O escuro encosta nele
para ter vaga-lumes"*

*(Essas frases se referem aos
bonequinhos que Manoel
desenhou para o livro)*

Caramujo-flor) sem a presença do poeta. Ele confessa que tem medo de câmaras e gravadores: "não gosto de máquinas, como Macunaíma - ainda estou me acostumando ao telefone." E resume: "Tudo o que tenho são meus versos e uma insegurança total - o que me faz muito bem." A timidez o deixa de mãos frias diante de multidões (mais de três pessoas) e daqueles a quem admira muito. Ele conta que chegou até à porta de Manuel Bandeira: "Bati e fiquei aguardando, trêmulo de emoção. Como o poeta demorasse para abrir a porta, desci correndo os sete andares, com o pulso a 120."

O poeta define seu temperamento como sendo "uma sengraceira só", mas é, na verdade, um bom conversador, alegre e encantador. Perigo-

so apenas para repórteres desavisados: Manoel convida para beber, a conversa fica tão boa que as horas passam e a reportagem acaba esquecida. Um encontro famoso aconteceu no Pantanal em junho de 1953, com Guimarães Rosa. "Perguntei: 'E sapo, lá em Minas, tem demais?'. 'Tem quase menos que por aqui', Rosa disse, 'mas os poucos que têm lá cantam mais bonito'. Eu disse: 'Mas Rosa, pode reparar uma coisa: no canto do nosso sapo tem uma curva luminosa'. Rosa gostou. Nossa conversa era desse feitio. Ele inventava coisas de Cordisburgo. Eu inventava coisas do Pantanal" (trecho da entrevista de Manoel à revista Bric-à-Brac).

** Trechos dos intertítulos retirados do último livro de Manoel de Barros **Concerto a céu aberto para solos de ave**.*

Trechos poéticos

*"...E, aquele
Que não morou nunca em
seus próprios abismos
Nem andou em
promiscuidade com
os seus fantasmas,
Não foi marcado. Não será
marcado. Nunca será exposto
às fraquezas, ao desalento,
ao amor, ao poema."*

(Poesias)

*"O poema é antes de tudo
um inutensílio
Hora de se iniciar algum
Convém se vestir
roupa de trapo.
Há quem se jogue
debaixo de carro
nos primeiros instantes.
Faz bem uma janela aberta
Uma via aberta.
Para mim é uma coisa que
serve de nada o poema
Enquanto vida houver.
Ninguém é pai de um poema
sem morrer."*

(Fragmentos de
Sabiá com Trevas,
"Arranjos para Assobio")

*"A gente é rascunho de
pássaro - esqueceram
de acabar"*

Sobre Bernardo de Mota, seu
"alter ego" de Guardador de
Águas:

*"Seu ombro contribui para
o horizonte descer"
"O escuro encosta nele
para ter vaga-lumes"*

(Essas frases se referem aos
bonequinhos que Manoel
desenhou para o livro)

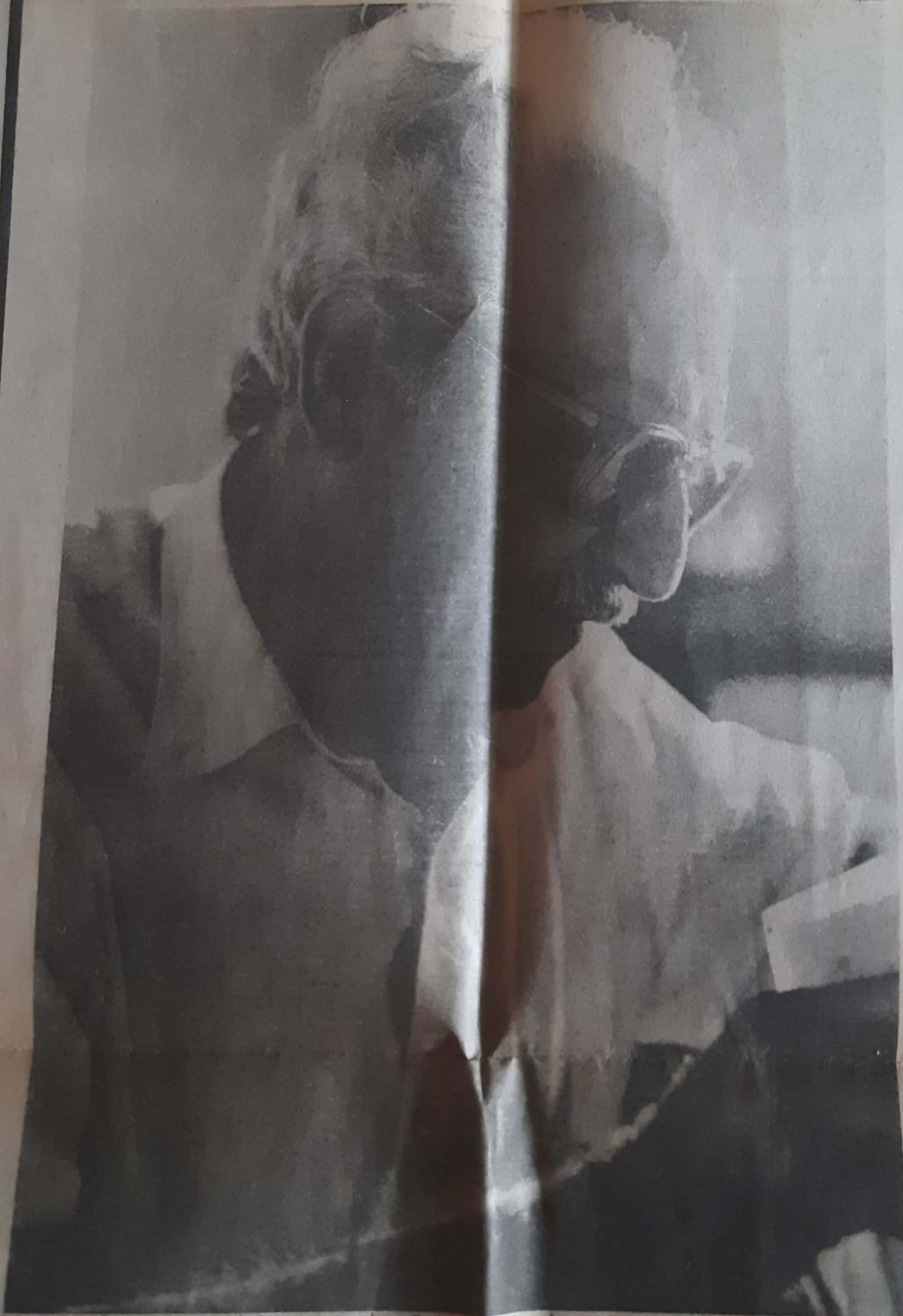
) sem a presença do
nfessa que tem medo

so apenas para repórteres desavisa-
dos: Manoel convida para beber, a
sempre fica tão boa que as horas

MANOEL DE BARROS

A poesia em silêncio

Fotos: Arquivo



Manoel de Barros: simplicidade que esconde sofisticação cultural.

T
P
"...E,
Que nã
seus pr
Nem a
promiss
os seus
Não fo
marcao
às frag
ao am

(Poesias)

"O po
um in
Hora
Conve
roupa
Há q
debã
nos p
Faz b
Uma
Para
serve
Enqu
Ning
sem

(Fragm
Sabid
"Arran

"A g
pássa
de ac

Sobre
"alter
Aguar

"Ser
o ho
"O
para

(Essa
bone
dese

uaiss, entusiasta da obra de Ma-
d, afirma que "seu manejo das

vai morar numa árvore, e se extasia
por coisas ínfimas. O poeta conside-

Caramujo-flor) sem a presença do
poeta. Ele confessa que tem medo

so ap
dos:

que ilumina nossas loucuras.
"Quem anda no trilho é trem de ferro", diz Manoel, "sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito".

"A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece"

Em seu vôo de falcão, Manoel, no entanto, sempre cuidou das coisas "desimportantes". Criou assim a sua "Estética da Ordinarietàade", cantando as coisas pequenas abaixo da linha do horizonte: pedras, lesmas, formigas, musgo, "o apogeu do chão", como diz Millôr Fernandes, com uma simplicidade que esconde uma sofisticada formação cultural, um grande rigor formal. Sua poesia, de acordo com estudo realizado pela professora Aurora Bernardini, da USP, só é comparável à de Viêlimir Khlebnikov, da vanguarda russa, considerado por Jakobson o poeta mais original deste século. O filólogo Antônio

Manoel conta que, ainda no colégio interno, descobriu que "só pres-tava era para ter orgasmos com as palavras". Diz ele que, até hoje, tudo começa quando uma palavra o chama, se oferece, e ele a toma. "Amo arrastar algumas (palavras) no caco do vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las até que padeçam de mim e me sujem de branco". E ele segue, fazendo mágicas ("boto rios no bolso, prendo silêncios com fivela"), avançando todos os sinais, transpondo inclusive as evidências ("como um Buñuel"). O poeta vê com o ouvido, escuta com a boca, comunica-se com as coisas por "emanações, por aderências, por incrustações".

O próprio poeta dá a dica de como acompanhar sua obra: "Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede. Procure ser uma árvore". O novo livro de Manoel é sobre um ancião que

de acordo com Manoel
"as metamorfoses"
pleiado naquele an-
vai andar de barba
vai de avoar?"

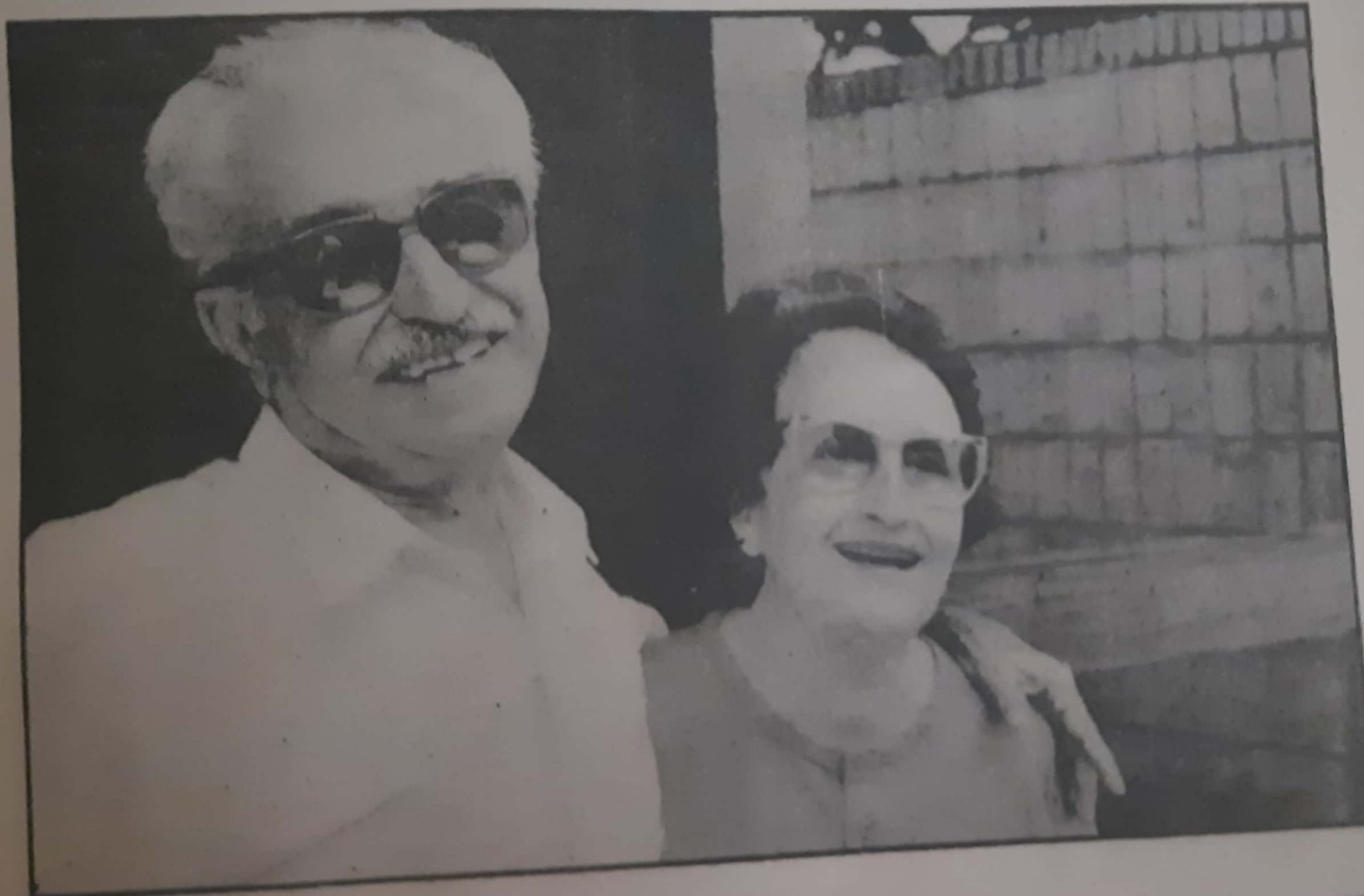
"Pedras aprendem"
Já foram feitas as
encontros e documen-
obra de Manoel de
o premiado curta-m-
Pizzini. O Invólucro



Nascido em
Cuiabá, o
poeta Manoel
de Barros
ainda vive no
Mato Grosso,
onde trabalha
disciplinadamente

vel à de Viélimir Khlebnikov, da vanguarda russa, considerado por Jakobson o poeta mais original deste século. O filólogo Antônio

não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede. Procure ser uma árvore". O novo livro de Manoel é sobre um ancião que



Nascido em Cuiabá, o poeta Manoel de Barros ainda vive no Mato Grosso, onde trabalha disciplinadamente